

RESENHA JORNALÍSTICA NO JORNAL GAZETA DE ALAGOAS: CRÍTICA ALÉM DA INFORMAÇÃO

Dryenne de Souza Damásio Felix¹
Danielle Cândido da Silva Nascimento²



RESUMO

Este artigo pretende fazer uma reflexão acerca do gênero “resenha”. Para isso, o objeto de análise são três críticas publicadas em 2016 no caderno B, do jornal Gazeta de Alagoas, sobre apresentações no projeto Teatro Deodoro é o Maior Barato. A pesquisa busca identificar se os textos atendem às características do gênero resenha e, para esse intuito, foram analisados textos relativos a três apresentações culturais (música, dança e teatro), assinados pelo jornalista e músico alagoano Mácleim Damasceno; a professora e dançarina Isabelle Rocha; e o artista intermídia, escritor, dramaturgo, ator, diretor teatral e compositor Guilherme Miranda, respectivamente. A relevância do trabalho está em refletir acerca da essência do jornalismo cultural e sua contribuição social, por meio do referencial teórico de Sousa (2012), Piza (2004) e Caldas (2002).

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo Cultural. Crítica. Cultura. Resenha.

ABSTRACT

This article intends to reflect on the genre "review". For this, the object of study are two criticisms published in the book B, of the newspaper Gazeta de Alagoas, about the project Deodoro Theater is the Largest Cheap. The research aims to identify if the text presented meets the characteristics of cultural journalism and, for this purpose, a text (about three cultural presentations) signed by the journalist and musician from Alagoas, Mácleim Damasceno, the teacher and dancer, Isabelle Rocha and Guilherme Miranda, Intermedia artist, verse and prose writer, playwright, actor, theater director and composer. The relevance of the work is to reflect on the essence of cultural journalism and its social contribution, through the theoretical reference of Sousa (2012), Piza (2004) and Caldas (2002).

KEYWORDS

Cultural journalism. Critical. Culture. Review.

1 INTRODUÇÃO

A resenha tem o papel de avaliar e prestar informações sobre determinado objeto. Por esse motivo, a resenha é, dentro do jornalismo, particularmente integrante do jornalismo cultural, que tem enfoque nos produtos culturais que são gerados pela sociedade.

Esses produtos variam de área e qualidade de acordo com o meio social em que foi produzido. Para avaliar tal produto, é necessário conhecer os elementos que o compõem e ir além das opiniões comuns, dar um sentido a ele dentro de um contexto social.

A proposta de análise neste artigo é referente a textos produzidos acerca de produtos apresentados durante o projeto Teatro Deodoro é o Maior Barato, que nasceu em 2001, idealizado pela Diretoria de Teatros de Alagoas (DITEAL), com a intenção de promover a cultura alagoana de forma acessível a todos os públicos.

A parceria com o jornal Gazeta de Alagoas veio mais de dez anos depois, em 2014, e tem como objetivo fomentar a crítica especializada no Estado. Como poderemos ver na análise a seguir, o texto crítico ganha uma página inteira, na capa do caderno B da Gazeta de Alagoas, e com direito a foto. É escrito por jornalistas, especialistas e colaboradores, que avaliam o espetáculo da vez e escrevem sobre suas impressões sobre a apresentação.

2 CONSTRUÇÃO DO GÊNERO

Segundo Sousa (2012), todo texto carrega um propósito comunicacional que tem a finalidade social ou particular quanto ao que comunica. A intenção do autor é expressa, implícita ou explicitamente, e ainda pode ser identificada pelo receptor ao qual o texto é direcionado.

A função social da mídia, segundo Bond (1962), citado por Sousa (2012), é de informar o leitor, e essa finalidade se encaixa em diversos gêneros. Nesse sentido, o propósito comunicacional da resenha não acadêmica é apreciar um objeto produzido pela cultura e essa apreciação pode ser realizada por um jornalista especialista ou um colaborador.

No entanto, um gênero pode ser definido por várias vertentes e, principalmente, pelas características que atende. Sendo assim, o gênero engloba o propósito comunicacional e este representa uma expressão social em determinada comunidade. Considerando isso, pode-se concluir que essas três vertentes – gênero, propósito comunicacional e comunidade – estão envolvidas e entram em convergência cada vez que interagimos com elas (SOUSA, 2012).

Levando em conta essa reflexão, é imprescindível discutir os tópicos necessários para a construção da resenha e a visão dos resenhistas sobre sua contribuição no campo jornalístico.

3 CULTURA NO JORNAL

Especificamente sobre o caderno B, nosso objeto de análise, ele surgiu em meio a uma necessidade de mudança do *Jornal do Brasil*¹. A intenção era de modificar o visual do jornal e a ideia do artista plástico Amílcar fez uma revolução nos jornais de todo o país, pois todos passaram a adotar o caderno B, vulgo caderno de cultura, com objetivo não só de tratar da própria cultura em questão, mas de ser um produto cultural por excelência (DAPIEVE, 2002).

Segundo Dapieve (2002), o jornalismo cultural, por ser um campo bem definido, exige profissionais específicos, que tenham domínio do que vai ser tratado. Isso porque é necessário um conhecimento aprofundado do assunto para dar embasamento

1 Fundado em 1891 por Rodolfo Dantas, com intenção de defender a monarquia recentemente deposta. De nível elevado, contava com a colaboração de José Veríssimo, Joaquim Nabuco, Aristides Spínola, Ulisses Viana, o Barão do Rio Branco e outros, como Oliveira Lima. O periódico inovou por sua estrutura empresarial, parque gráfico, pela distribuição em carroças e a participação de correspondentes estrangeiros, como Eça de Queirós. O seu primeiro número veio a público em abril. Manteve sua orientação conservadora até que Rui Barbosa assumiu a função de redator-chefe (1893) (WIKIPEDIA, [s.d.]).

à opinião do jornalista. Seu repertório pessoal tem grande valia nesse processo, pois é utilizado como elemento primário na construção do texto.

O processo de criação do caderno cultural pode ser influenciado por vários fatores: linha editorial, agenda de eventos e popularidade do autor. O maior deles é a linha editorial a qual o jornal segue, embora muitos jornalistas possuam liberdade para explorar produtos culturais de seu interesse (SOUSA, 2012).

4 COMPONENTES DA RESENHA

Segundo Daniel Piza (2004, p. 70), para ter um bom texto crítico, primeiramente, deve-se atender as características de um bom texto jornalístico: clareza, coerência, agilidade. Segundo, o texto deve ser informativo quanto ao autor, em linhas gerais, e apresentar brevemente sua obra ou tema a ser discutido. Terceiro, o texto deve fazer uma análise sintética, mas sutil, esclarecendo o peso relativo entre qualidades e defeitos, dispensando termos técnicos demais ou uma mera atribuição de adjetivos. O quarto requisito é uma característica especial do crítico que é a de ir além da análise do objeto, encaixando o sentido da obra na realidade. Ou seja, ser um intérprete do mundo.

O que se deve exigir de um crítico é que saiba argumentar em defesa de suas escolhas, não se bastando apenas em adjetivos e colocações do tipo "gostei" (que em alguns cadernos culturais brasileiros têm sido usados já como título da crítica), mas indo também às características intrínsecas da obra e situando-se na perspectiva artística e histórica. Quer goste quer desgoste de um trabalho, sua tentativa é fundamentar essa avaliação. (PIZA, 2004, p. 77).

Segundo Piza (2004) e Dapieve (2002), mesmo que num curto espaço, uma boa resenha deve conter uma síntese destes atributos: objetividade, sinceridade, preocupação com o autor e o tema. O texto em si deve ser um produto cultural, que traga novidade e reflexão ao leitor. A função da resenha é captar a mensagem do autor e apresentá-la ao leitor e levá-lo à reflexão de coisas as quais não havia pensado, ou que não tivesse percebido. É analisar criticamente uma obra. É induzir, instigar e formar leitores.

A resenha é um gênero flexível, pois não apresenta um padrão técnico. Por isso, por conter determinada característica, diversos textos podem encaixar-se nesse gênero, podendo ser mais informativo ou avaliativo – a depender da obra que é apresentada. Ainda, não possui homogeneidade na linguagem apresentada, podendo estar no centro ou pendendo tanto para a coloquial, quanto para a formal. Contudo, a clareza e compreensão do texto são imprescindíveis, assim como a utilização da ortografia e gramática corretamente (SOUSA, 2012).

Sousa (2012, p. 191-192) explica que o texto precisa apresentar determinados atributos para caracterizar uma resenha. O texto deve fazer uma apresentação da obra, fornecer informações como curiosidades, explicar o título e informar o público-alvo.

São ainda funções do texto “resenha”: apresentar o autor; informar sobre a vida e/ou obra do autor. Descrever a obra, sintetizar o conteúdo, descrever pontos específicos, citar a obra. Avaliar a obra, como um todo em pontos específicos, por meio de sensações, emoções e impressões. Avaliar o autor, destacar qualidades, analisar estilo, destacar a repercussão. Discutir um tema, concordar ou não com o autor sobre um tema, explorar a temática da obra e ainda recomendar ou não a obra.

A resenha não possui uma técnica, por isso, não é necessário seguir à risca todos os tópicos e subtópicos de como escrevê-la. Obviamente, ela exige alguns elementos que constituam o gênero, como foram apontados anteriormente. Características essas que devem ser exploradas para atender à qualidade, boa escrita e sua essência.

5 AS RESENHAS SOBRE O TEATRO DEODORO É O MAIOR BARATO

O projeto Teatro Deodoro é o Maior Barato é um incentivo cultural para o público e artistas de Alagoas que surgiu em 2001. Ele traz uma série de apresentações que variam entre música, teatro, dança e circo, com o intuito de despertar o interesse do público para a produção local por meio de um preço de ingresso acessível (que varia entre 10 e 20 reais).

Já a série de críticas sobre o projeto, realizada pelo jornal Gazeta de Alagoas, é uma parceria entre o caderno B do jornal e a Diretoria de Teatros do Estado de Alagoas (DITEAL), com curadoria do jornalista e músico Mácleim Damasceno. Essa parceria teve início em 2014, com o intuito de contribuir com a crítica especializada alagoana.

Os textos são publicados todas as quartas-feiras, em página inteira, na capa do caderno B². O redator principal é o próprio Mácleim Damasceno, que conta ainda com a participação de outros colaboradores da área cultural para a produção das críticas, a exemplo de Jorge Barboza (música), Guilherme Miranda (teatro), Eliana Cavalcante (dança).

5.1 GENTE, EU VI

O primeiro texto a ser analisado tem como título “Gente, eu vi” e foi redigido por Mácleim Damasceno e publicado em 14 de setembro de 2016. O texto critica o espetáculo “Gente”, que se trata de uma apresentação musical do coral CESMAC, no ano de celebração dos 10 anos de existência.

2 O texto é acompanhado de foto e no dia da publicação da resenha referente à apresentação realizada na quarta anterior, também sai uma nota sobre a apresentação do dia.

O gênero “resenha” apresenta-se claramente nas entrelinhas do texto que tanto tem o intuito de informar, quanto o de avaliar.

Mas do que consistia o cenário? Simplesmente, de um andaime armado ao fundo do palco, onde os músicos atuavam em um jogo de planos interessantes. De resto, uma mesa, duas cadeiras, uma máquina de escrever (também utilizada como instrumento percussivo), uma garrafa de café e tamboretos customizados, para cada um dos vinte e quatro componentes do coral. Tudo sobre um piso repleto de pedaços de papel branco e um teto com os rostos dos componentes do coral, desenhados em folhas de papel penduradas nas varas da caixa cênica. (DAMASCENO, 2016, on-line).

O resenhista descreve detalhadamente cada cena, para que o leitor, que não tenha a oportunidade de ter assistido, possa imaginar com riqueza de detalhes toda a apresentação. Mácleim passeia entre a tecnicidade e o significado da apresentação: “Algumas variações na formação do coro e solos foram bem realizadas. Como, por exemplo, os tenores e baixos, à capela, em uma bela canção, com técnica e harmonização vocal, que poderia nos remeter aos grupos vocais masculinos em evidência”. Utiliza ainda termos formais para explicar alguma parte mais técnica, exigindo um conhecimento específico do leitor.

Além disso, o resenhista Mácleim Damasceno (2016, on-line) aprofunda-se em cada detalhe significativo da apresentação.

[...] indo de detalhes preciosos nos arranjos até uma percussão diegética, muito bem pensada e executada, como apoio de cena, pelo percussionista Cadu Ávila. Interessante que ao final, desse que foi um momento musicalmente refinado, o público não entendeu e não aplaudiu, como se sentisse falta do som dos instrumentos [...].

Preocupa-se ainda em explicar partes importantes que pudessem ter passado despercebidas pelos espectadores comuns. Pela forma que o texto foi escrito, evidencia que era necessário um conhecimento técnico para falar com domínio e apreciação da obra. Ir além do olhar de um mero espectador. Porém, a visão pessoal do resenhista enriqueceu muito o texto de forma poética.

Uma gente, que em uma década constrói um espetáculo contemplativo à dimensão humana, que evidencia dores e amores, que viaja ao onírico e comemora dez anos da união de sonhos e pessoas, essa gente também foi capaz de dar forma

ao que nos torna gente. O que assistimos será sempre digno de todos os aplausos, pois tem a energia do ciclo da vida, do belo e do trágico, do que é capaz de gerar o inesquecível, por muitas e muitas décadas, em contraponto à artificialidade rasa do materialismo. Fragmentos imensuráveis e imprescindíveis à formação de cada um de nós, nessa aventura secular de sermos Gente. (DAMASCENO, 2016, on-line)

O jornalista conseguiu atender com exímio a quase todas as características da resenha descrita por Daniel Piza e Maria Socorro. Considerando que o gênero é flexível, pode-se alegar que o texto se encaixa perfeitamente no gênero resenha. O único tópico em que o resenhista falha é na descrição do autor, pois fala tão superficialmente sobre a autoria do espetáculo, que chega a ser negligente, deixando a desejar mais detalhes.

Só o criador de toda estrutura visual e cênica, em contemplação, poderia ser o cara que foi adjetivado do de genial ao final do espetáculo. Creio que Ariano Suassuna não faria objeção à utilização do termo, pois o artista em questão assina como Arthur Martins e foi responsável pela dramaturgia e textos, direção geral e preparação cênica, cenários, figurinos, maquiagem e iluminação. (DAMASCENO, 2016, on-line)

Percebe-se que o texto exige um conhecimento mais apurado tanto de quem escreve, quanto de quem lê. Isso porque a descrição das cenas pode parecer complexa a quem não tenha costume com esse tipo de leitura e apresentações musicais. Com isso, é claro que se exige do leitor da resenha um conhecimento mais aprofundado.

5.2 SUBMERSOS

O segundo texto a ser analisado tem como título “Submersos” e foi redigido por Isabelle Rocha, que é professora e dançarina. Publicado em 21 de setembro de 2016, “Submersos” trata de uma apresentação de dança do grupo Resgate Crew, em uma mensagem evangelizadora.

Pelo início, podemos observar que a resenhista decidiu escrever pela técnica, obedecendo aos tópicos de características da resenha. Apesar da falta de subjetividade, Isabelle conseguiu atender alguns dos pontos apresentados.

Nesta edição do projeto, o Resgate Crew traz um trabalho diferenciado artisticamente. Diferente do trabalho apresentado no ano passado, a direção do espetáculo, Submersos, opta

por não exagerar nos elementos cênicos para a comunicação da mensagem que o trabalho se propõe a passar (ROCHA, 2016, on-line).

Como no texto anterior, a resenha comprova a necessidade de conhecimento específico no assunto, já que a resenhista utiliza de bastantes termos técnicos para descrever os movimentos das danças, que não podem ser imaginados se o leitor não tiver conhecimento na área: “[...] embasada na técnica waving, que explora uma movimentação fluida e flexível das articulações da cintura escapular” (ROCHA, 2016, on-line).

Preocupa-se, também, em explicar a mensagem a ser transmitida por meio dos passos de dança tão conhecidos por ela e que podem não ter sido notados pelos espectadores. Porém, não há subjetividade no texto, apenas conhecimento técnico da dança que é utilizada como linguagem para transmitir a mensagem. E é nesse quesito que a resenha deixa a desejar.

No desenvolvimento do espetáculo, outras técnicas foram incluídas nas coreografias, tais como o popping, krump e house. Todas essas técnicas praticadas pelo grupo são apresentadas em cenas onde os dançarinos se revezam no palco em coreografias elaboradas apenas para os rapazes; em outros momentos, apenas para as garotas, além de algumas cenas terem todo o elenco agregado em uma única coreografia (ROCHA, 2016, on-line).

Talvez por não ter uma proximidade tão grande com a escrita quanto a do jornalista, o texto não traz os detalhes da apresentação. Foi faltoso com o item principal: a criticidade. O texto perde, portanto, a identidade de resenha, porque aparenta ser um mero resumo técnico do que foi apresentado, não há uma interpretação aprofundada.

5.3 SOM E FÚRIA EM CENAS VISCERAIS

O terceiro texto a ser analisado tem como título “Som e fúria em cenas viscerais”, foi redigido por Guilherme Miranda, artista intermídia, escritor de verso e prosa, dramaturgo, ator, diretor teatral e compositor. Foi publicado em 1º de junho de 2016 sobre “Granja dos corações amargurados”, uma apresentação de teatro do grupo Claricena, baseado no conto “O ovo e a galinha”, do livro Felicidade clandestina (1971), de Clarice Lispector.

O resenhista fez uma excelente descrição do espetáculo, comprovando pela terceira vez que é necessário um conhecimento crítico e específico mais aprofundado sobre a área a ser falada. Seu texto bem escrito passeia pela linha poética, fazendo uma descrição romântica da obra.

Homens, mulheres, loucos, sãos, ninguém sabe ao certo o que se passa em suas mentes, quando a questão “Quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?” é lançada no ar como ópio nas narinas de um viciado – assim como pipocas, grãos de milho, penas, muitas penas, e ovos de verdade (!) – empestando o palco (alguns itens, também a plateia) como uma maldição, como uma lembrança de que todos ali estão presos uns aos outros, como elos de uma corrente em brasa, que os arrastam para um inferno pessoal e intransferível, onde o ralo filete de amor que brota entre as ranhuras da alma seca sucumbe à inveja implacável, afogando-se em sangue, matadouro, sarjeta. (MIRANDA, 2016, on-line).

Guilherme não perde em criticidade e procura embasar bem sua opinião – o que deixa seu texto ainda mais completo, pois teve o cuidado de falar do artista e de onde se originou toda inspiração para a apresentação.

Sua análise varia entre técnica e subjetividade, de forma muito bem equilibrada. Utiliza termos formais com assiduidade, mas não ficou atrás com a aproximação do leitor, utilizando a linguagem coloquial.

O espetáculo recebeu um tratamento estético – iluminação, sonoplastia, cenário e adereços – funcional, como já era de se esperar. No figurino, uma ressalva: é preciso um pouco mais de unidade cênica. No uso do preto, branco e jeans (claro e escuro), alguns personagens ficaram equilibrados, já outros pareciam improvisado. Com relação às interpretações, para um coletivo de 13 atores/atrizes em cena, a performance é mediana, mas há boas surpresas. A expressão corporal e vocal de algumas pessoas dá gosto ver.

Nota-se a facilidade do resenhista de dissertar sobre o assunto, visivelmente bem conhecido por ele. Além disso, ele traz informações extras sobre os artistas, que vão além do espetáculo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta análise teve o objetivo de evidenciar a contribuição social que a resenha bem elaborada tem para o jornalismo cultural; evidenciando que é necessário o desenvolvimento do senso crítico nos seus leitores, para concordar e discordar das opiniões do resenhista, e, ainda, entender do que é tratado, estando atento a todas as subjeções do texto.

Isso contribui para o desenvolvimento cultural de maior qualidade, pois um conhecimento mais apurado do produto torna o apreciador mais exigente e cria no artista a necessidade de fazer um trabalho melhor e bem feito para atender às expectativas do público.

O papel do jornalismo, como um todo, é manter a sociedade informada e ajudá-la a compreender o mundo que a cerca. É influenciar e servir, para melhorar o meio social. O jornalismo cultural não está longe disso, tem essa mesma finalidade: clarear as ideias de seus espectadores e ser um contribuinte na melhora do produto cultural.

Por isso, é de extrema importância a reflexão das resenhas no meio cultural, tanto para o jornalismo, quanto para o artista e o público. “Os críticos de qualidade não estão preocupados em procurar falhas onde não existem” (PIZA, 2004, p. 65), ou seja, suas críticas tem o verdadeiro intuito de serem construtivas, a fim de fazer um apontamento especializado para falhas não detectadas pelo autor e que podem ser corrigidas.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Larissa. Teatro Deodoro é o maior barato inicia programação 2015. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=267138>>. Acesso em: 7 nov. 2016.

DAPIEVE, Arthur. Jornalismo cultural. In: CALDAS, A. (Org.). **Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet**. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2002. p.95-112.

DAMASCENO, Mácleim. Gente, eu vi. **Gazeta de Alagoas**, Caderno B, 14 set 2016. Disponível em <http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=294088>>. Acesso em: 7 nov. 2016.

DITEAL. Disponível em <<http://www.diteal.al.gov.br/cronograma-de-apresentacoes-teatro-e-o-maior-barato-2016/>>. Acesso em: 7 nov. 2016.

MIRANDA, Guilherme. Som & fúria em cenas viscerais. **Gazeta de Alagoas**, Caderno B, 1 jun. 2016. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=288443>>. Acesso em: 7 nov. 2016.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ROCHA, Isabelle. Submersos. **Gazeta de Alagoas**, Caderno B, 21 set. 2016. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=294415>>. Acesso em: 7 nov. 2016.

SOUZA, Maria Socorro T. de. **Gênero textual e comunidade jornalística**: retórica e avaliação em resenhas. São Paulo: Contexto, 2012.

WIKIPEDIA. **Jornal do Brasil**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornal_do_Brasil>. Acesso em: 7 nov. 2016.

Recebido em: 5 de janeiro de 2017

Avaliado em: 20 de fevereiro de 2017

Aceito em: 10 de março de 2017

1. Estudante de Jornalismo (2º período, 2016.2) do Centro Universitário Tiradentes – UNIT, e-mail dryennef@gmail.com

2. Professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda do Centro Universitário Tiradentes – Unit, Maceió. Leciona, entre outras cadeiras na área de Comunicação, Práticas de Pesquisa em Comunicação, cujo artigo é resultado desta disciplina. É pós-graduanda (nível Mestrado) em Letras Linguística pela Universidade Federal de Alagoas – Ufal e especialista em Comunicação Empresarial. E-mail daniellecandido@gmail.com